

Paisagens dos Cafés do Brasil: da monocultura aos sistemas produtivos alternativos

Brazilian Coffee Landscape: from monoculture to alternative production system

BEATRIZ CARVALHO TAVARES & VANDER VALDUGA

Universidade Federal do Paraná

Contacting author: btavar05@gmail.com

Palavras-chave | Paisagem, Cafeicultura, Agricultura familiar, Agrofloresta, Produção agroecológica

Objetivos | O Brasil apresenta fortalecida cultura cafeeira em todo seu território. As paisagens são resultantes da complexidade e diversidade de manifestações históricas, sociais, culturais, econômicas, ambientais e simbólicas. Essas características tornam o café e suas paisagens aptos ao reconhecimento como patrimônio material e imaterial do país. Como problema de pesquisa busca-se a compreensão estrutural das paisagens do café no Brasil. Assim, o objetivo é analisar as diferenças nas paisagens brasileiras do café promovidas pela diversidade de sistemas produtivos ao longo dos processos históricos de inserção da cafeicultura.

Metodologia | A concepção teórico-metodológica da pesquisa tem suporte na fenomenologia por meio da trama de relações que circundam os objetos, acolhendo as distintas manifestações do ser a partir da essência da experiência vivida (Merleau-Ponty, 1999; Serpa, 2017, Brandão, 2021). Essa postura investigativa perante a paisagem abrange a experiência do encontro e da apreciação sensorial plural (Merleau-Ponty, 1999; Brandão, 2021). O cenário fenomenológico nos permite vivenciar acontecimentos geopoéticos (Bachelard, 1978) e sua repercussão na apreciação, imersão e conexão afetiva com as paisagens, nesse caso, de regiões produtoras de café (Brandão, 2021). Assim, o estudo tem abordagem qualitativa e se caracteriza como uma pesquisa exploratória e descritiva. Recorte de uma investigação de doutoramento, utiliza-se nesse momento a pesquisa bibliográfica, com coleta de dados por meio de revisão narrativa de literatura científica sobre produção cafeeira no Brasil.

Principais resultados e contributos | A conformação dos territórios do café ocorreu com a expansão da fronteira agrícola cafeeira sobre paisagens rurais e urbanas, apresentando difusão como um dos principais produtos agroalimentares do país (Argollo Ferrão, 2004; Figueiredo & Alves, 2022). Seu caminhar no território ocorreu, principalmente, pela necessidade de encontrar

uma região com condições fisiográficas adequadas aos parâmetros quantitativos desejados para a produção monocultora e exportadora (Argollo Ferrão, 2004; Ianni, 2004). Territórios comportam e estruturam paisagens e elas são a chave no caminho da interpretação espacial, social e cultura, na qual se assume aqui a perspectiva da paisagem em Berque (1990), em que a paisagem se estabelece a partir da relação entre o físico e o olhar subjetivo. Nessa dupla relação, soma a noção da paisagem marca, que representa a materialidade e a paisagem matriz, que se situa no campo da percepção e concepção, portanto, para ele, a paisagem não é só o que se vê, mas deve-se considerar a integração do sujeito com o objeto (Berque, 1998).

Nesse sentido, o sistema produtivo monocultor se destacou desde esse período, principalmente na região do Vale do Paraíba (RJ-SP) e, posteriormente, nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Bahia etc. (Argollo Ferrão, 2004). A composição dessa paisagem ocorre com a presença de fazendas de médio a grande porte, lavouras de baixa altitude, complexos industriais e alta mecanização, que se expressa visualmente como 'mares de café' (Argollo Ferrão, 2004).

A ressignificação da produção e consumo de alimentos em diferentes contextos orientou - em consonância com a realidade fundiária de muitos estados - a diversificação de sistemas produtivos e parâmetros de qualidade para o café-produção e o café-produto. Assim, as produções em pequena escala podem ser configuradas tanto pela agricultura familiar quanto pela agroecologia. Em alguns casos, a primeira pode atuar com o café commodity e igualmente conformar paisagens monótonas e de menor densidade sociocultural que corroboram a atuação do agronegócio. No entanto, a difusão do conhecimento e interesse do mercado consumidor pelos cafés especiais promove maior atenção sobre a especialização produtiva da agricultura familiar e a importância da integração com produção agroecológica.

Em plantios de caráter mais recente, como as regiões do Caparaó, Ceará, Pernambuco e Rondônia, são observadas produções orgânicas, agroecológicas, sombreadas e consorciadas com a floresta (Sistema de Agrofloresta) (Minasi et al., 2022). Essas caracterizações auxiliam na conservação da biodiversidade local, na qualidade produtiva, na remoção de pesticidas ou fertilizantes químicos e na autonomia alimentar da comunidade (Santos et al., 2020). Consequentemente, a caracterização dessas paisagens do café é tão complexa quanto a própria experiência do encontro entre os sujeitos desses sistemas e a realidade ambiental e agroprodutora. A proximidade entre cafeicultor, cafezal e ambiente consolidam paisagens complexas como a própria biodiversidade dessas regiões. O carente reconhecimento patrimonial das paisagens culturais cafeeiras do Brasil podem ser ampliados a partir de manifestações como estas, que priorizem os atributos simbólicos e humanos por meio da conservação cultural e ambiental.

Limitações | As limitações do estudo estão associadas ao seu caráter bibliográfico, visto que há escassa literatura sobre paisagens do café brasileiras em contextos produtivos alternativos à monocultura.

Conclusões | Esse estudo intencionou reconhecer a diversidade das paisagens do café em sua constituição, fabricação e experiência associadas aos diferentes sistemas produtivos existentes no Brasil: monocultura, agricultura familiar, agroecológico e agrofloresta. A monocultura, ainda que responsável por tornar o país referência quantitativa internacional, não proporciona experiências ricas e geopoéticas como demais sistemas produtivos. Isso aponta para o impacto social, cultural e simbólico do contato entre elementos humanos e naturais que o sistema produto-produção-consumo materializa no espaço geográfico, principalmente pelas particularidades históricas que aproximaram os sujeitos da paisagem. Os questionamentos foram respondidos, mas são apenas partida para a investigação do viés patrimonial das subjetividades e simbolismos do ser-no-mundo integrado às complexas e diversas paisagens do café no Brasil.

Referências

- Argollo Ferrão, A. M. (2004). *Arquitetura do café*. Campinas [SP]: Editora da Unicamp; São Paulo [SP]: IMESP, 2004.
- Bachelard, G. (1978). *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- Berque, A. *Médiance. De milieux en paysages*. Paris: Berlin, col. "Géographiques RECLUS", 1990.
- Berque, A. *Paisagem-marca, paisagem-matriz*: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-9.
- Brandão, G. G. (2021). *Ser Terra: casa e paisagens do café da Mantiqueira das Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Ianni, O. (2004). *Origens agrárias do Estado Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Minasi, S. M., Tavares, B. C., Oliveira, A. N., & Pagnussat, E. C. (2022). Cultivo de cafés e turismo no sistema de agrofloresta no Brasil. *Anais do XIX Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, Recife.
- Santos, W. M. Dos; Faria, L. R.; Rocha, A. F. M.; Vale, L. S. R. & Kran, C. da S. (2020). Sistema agroflorestal na agricultura familiar. *Revista UFG*, 26(20).
- Serpa, A. (2017). Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, 21(2), 586-600.